



Presidente critica Luiz Fux, considera inquéritos de Alexandre de Moraes uma “enganação” e chama Luís Barroso de “criminoso”. Considera, ainda, “cara de pau” e “sem caráter” quem assinou o manifesto da USP

Bolsonaro ataca STF e desqualifica carta

» INGRID SOARES
» LUANA PATRIOLINO

Dois meses da eleição, o governo de Jair Bolsonaro mantém em alto tom as investidas contra o sistema eleitoral. Os ataques mais agressivos partiram do chefe do Palácio do Planalto. Em entrevista a uma rádio, Bolsonaro desqualificou os signatários da Carta pela Democracia, documento organizado pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. O presidente disparou, ainda e mais uma vez, impropérios contra ministros do Supremo Tribunal Federal.

Em uma ação paralela, o ministro da Defesa, Paulo Sérgio Nogueira, encaminhou ao Tribunal Superior Eleitoral um pedido, em caráter “urgente”, para acessar os códigos-fontes das urnas eletrônicas. Essas informações estão disponíveis desde outubro de 2021, mas o TSE atendeu à requisição de Nogueira. Militares devem inspecionar esses códigos hoje, em um ambiente controlado da corte eleitoral.

Além de reiterar os ataques às urnas eletrônicas, o presidente Bolsonaro criticou o ministro Luiz Fux, presidente do Supremo Tribunal Federal. Na segunda-feira, ao comandar a sessão de abertura do segundo semestre no Judiciário, Fux fez um apelo pelo respeito e pelo diálogo nas eleições. Reafirmou, ainda, a confiança no sistema eleitoral.

Na entrevista à Rádio Guaíba, Bolsonaro afirmou que Fux deveria ser investigado em inquérito. O chefe do Executivo também voltou a atacar o ministro Alexandre de Moraes.

“Que maravilha de sistema esse que ninguém quer, a não ser Bangladesh, Butão? Venezuela, também parece que usa esse negócio [urna eletrônica]. Com todo o respeito ao Fux, de vez em quando nós trocamos algumas palavras aqui, ele é chefe de Poder”, disse Bolsonaro.

Segundo o presidente da República, Fux “deveria estar respondendo processo lá no inquérito do

Alexandre de Moraes, se fosse um inquérito sério e não essa mentira, essa enganação que são esses inquéritos do Alexandre de Moraes”.

O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) contesta a alegação sobre o uso do sistema eletrônico de votação em outros países. Informa que, segundo o Instituto Internacional para a Democracia e a Assistência Social (IDEA Internacional), 23 países usam urnas com tecnologia eletrônica para eleições gerais e outros 18 as utilizam em pleitos regionais. Entre os países estão o Canadá, a Índia e a França, além dos Estados Unidos, que têm urnas eletrônicas em alguns estados.

Bolsonaro foi além nos ataques à Justiça. Disse que o ministro do STF Luís Roberto Barroso interferiu na votação da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) do voto impresso. “No ano passado o Congresso ia aprovar o voto impresso numa PEC. O que o Barroso fez? Ele era presidente do TSE. Foi dentro do Parlamento, nem tentou fazer escondido, foi para dentro do Parlamento, se reuniu com uma dezena de líderes e, no dia seguinte, vários líderes trocaram os integrantes da comissão de modo que eles votaram contra a PEC do voto impresso. É interferência direta. É uma interferência política, isso é um crime previsto na Constituição. O Barroso é um criminoso. Barroso, tu é um mentiroso, um mentiroso”, atacou Bolsonaro.

Barroso respondeu, por meio das redes sociais. “Mentir precisa voltar a ser errado de novo. Comparei à Câmara dos Deputados, como presidente do TSE [Tribunal Superior Eleitoral], para debater o voto impresso, atendendo a três convites oficiais. E foi a própria Câmara que derrotou a proposta de retrocesso. Mas sempre haverá maus perdedores”, escreveu o ministro.

Apesar das críticas ao sistema eleitoral, o presidente afirmou que não tem pretensões golpistas. “Ninguém quer dar golpe, vai ter eleição. Mas queremos transparência”, exigiu.

Ainda assim, Bolsonaro desqualificou iniciativas da

ED ALVES/CB/D.A.Press



Bolsonaro criticou o sistema eleitoral, mas prometeu: “Ninguém quer dar golpe, vai ter eleição”

sociedade civil. Chamou de “cara de pau” e “sem caráter” os signatários da Carta pela Democracia, organizada pela Universidade de São Paulo (USP) e que será lida no dia 11. O texto reúne juristas, banqueiros, empresários e civis, e ultrapassa 600 mil assinaturas.

“Esse pessoal que assina esse manifesto é cara de pau, sem caráter, não vou falar outros adjetivos, porque sou uma pessoa bastante educada”, atacou o presidente.

O presidente alegou que o manifesto é apoiado por banqueiros porque eles teriam perdido cerca de R\$ 20 bilhões de receita por causa do Pix. Chamou artistas de “desmamados” da Lei Rouanet. “(Assinaram a carta) artistas que foram desmamados na Lei Rouanet. (...) Olha os perfis dos políticos. Só no Brasil gente do partido comunista defende democracia”, concluiu.

Militares no TSE

Representantes das Forças Armadas devem ir ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE), hoje, para acessar o código-fonte das urnas eletrônicas. A vistoria ocorre após o ministro da Defesa, Paulo Sérgio Nogueira, enviar um ofício “urgente” ao ministro Edson Fachin, presidente da Corte, solicitando acesso aos dados.

No entanto, os dados solicitados com urgência estão disponíveis desde outubro de 2021. À época, o TSE permitiu o acesso a qualquer entidade fiscalizadora, incluindo militares, o Ministério Público, universidades, peritos, Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), partidos políticos e outros.

A ida dos militares deve ocorrer entre 10h e 18h. A fiscalização dos códigos ocorre em ambiente

controlado, sem acesso à internet. Segundo o TSE, é proibido qualquer registro ou gravação de áudio e vídeo e retirar, sem autorização, qualquer elemento dos sistemas.

“Solicito a Vossa Excelência a disponibilização dos códigos-fontes dos sistemas eleitorais, mais especificamente do Sistema de Apuração (SA), do Sistema de Votação (Vota), do Sistema de Logs de aplicações SA e Vota e do Sistema de Totalização (SisTot), que serão utilizados no processo eleitoral de 2022”, escreveu o general no documento.

O Executivo e o Judiciário têm acumulado atritos a respeito do papel das Forças Armadas nas eleições deste ano. Durante 26 anos, não houve nenhum questionamento dos militares ao sistema eleitoral brasileiro.

TSE faz acordo

O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) firmou um acordo com a Missão de Observação Eleitoral da União Interamericana de Organismos Eleitorais (Uniore) para que entidade observe as eleições brasileiras deste ano. O acordo foi assinado, ontem, pelo presidente da Corte, Edson Fachin, e pelo vice-presidente, Alexandre de Moraes — que assume a Justiça Eleitoral a partir de 16 de agosto.

Além da Uniore, outros organismos internacionais já firmaram acordo com o TSE, como a Organização dos Estados Americanos (OEA) e o Parlamento do Mercosul (Parlasul).

Fachin já havia anunciado que observadores internacionais iriam acompanhar as eleições de 2022. Outros organismos também foram convidados, como a Rede Eleitoral da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP); Centro Carter; Fundação Internacional para Sistemas Eleitorais (IFES); e a Rede Mundial de Justiça Eleitoral.

A presença das entidades desagradou o presidente Jair Bolsonaro (PL). Além de atacar o sistema eletrônico de votação e afirmar que as eleições anteriores foram fraudadas, o chefe do Executivo criticou a iniciativa do TSE de convidar os observadores internacionais. Ele chegou a dizer que Fachin cometeu “estupro à democracia” ao se reunir com embaixadores no mês passado.

As declarações de Bolsonaro repercutiram negativamente na comunidade internacional. Em pelo menos três ocasiões, integrantes do governo norte-americano reiteraram a confiança no processo eleitoral brasileiro.

NAS ENTRELINHAS



Por Luiz Carlos Azedo
luizazedo.df@dabr.com.br

Dobradinha de mulheres na terceira via

A chapa Simone Tebet, candidata do MDB à Presidência da República, com Mara Gabrilli (PSDB-SP) como sua vice, é alvissareira. Abre espaço para mais mulheres na política, agora com possibilidades financeiras, porque 30% do fundo eleitoral serão destinados a candidaturas de mulheres pelos partidos, que podem ser punidos se não o fizerem. Entretanto, Simone nem de longe tem as mesmas condições oferecidas à ex-presidente Dilma Rousseff, que se elegeu com apoio do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 2010, no auge de sua popularidade, e se reelegeu em 2014, embora com dificuldades e uma oposição que viria apeá-la do poder, com o impeachment.

Mesmo assim, a sobrevivência da candidatura de Simone Tebet no MDB, um partido dominado por velhos caciques políticos regionais, e a indicação de Gabrilli para vice, pelo PSDB, uma senadora de grande prestígio em São Paulo, são

obras de grande engenharia política. Nessa construção, destacaram-se a própria candidata, que não esmoreceu diante dos desafios; o presidente do MDB, deputado Baleia Rossi, que bancou sua candidatura até o fim; o presidente do PSDB, Bruno Araújo, que retirou do caminho o ex-governador de São Paulo João Dória, abdicando da candidatura própria; e o presidente do Cidadania, o veterano Roberto Freire, que apostou na aliança MDB-PSDB-Cidadania, inclusive removendo a candidatura do senador Alessandro Vieira (SE), então no Cidadania, quando a aliança com o MDB parecia impensável.

A escolha do nome de Mara Gabrilli para vice foi uma decisão estratégica. O PSDB de São Paulo não estava nem aí para Simone Tebet, mais empenhado na reeleição do governador Rodrigo Garcia, que enfrenta dois adversários poderosos: o ex-prefeito de São Paulo Fernando Haddad (PT) e o ex-ministro

A ESCOLHA DE GABRILLI AGREGA À CANDIDATURA DE SIMONE TEBET FORÇA EM SÃO PAULO, O MAIOR COLÉGIO ELEITORAL DO BRASIL, O QUE DIFICULTA A SUA CRISTIANIZAÇÃO PELO PSDB PAULISTA

de Infraestrutura Tarcísio de Freitas (Republicanos). A decisão foi tomada na cúpula da aliança, num encontro das duas senadoras com Baleia, Araújo e Freire. Segundo Tebet, a conversa entre as duas

colegas de Senado foi decisiva:

“Eu tinha dúvida, Mara, se uma chapa 100% feminina seria aceita. Que bom que as [pesquisas] qualitativas mostraram que homens e mulheres estão prontos para votar nessa chapa. E quando fiz o convite para você, esperando que você fosse dizer ‘vou pensar um pouquinho, eu tenho algumas limitações’, Mara disse, na sua generosidade, ‘Simone, que honra. Como vai ser bom falar para o Brasil da nossa causa e da nossa luta’”, relata Tebet.

São Paulo

Psicóloga e publicitária de formação, Mara Gabrilli é tetrapléica. Como mulher, é um exemplo de superação, com atuação política muito focada na inclusão social, em especial dos deficientes físicos. Destacou-se muito como parlamentar combativa e competente, inicialmente na Câmara, onde enfrentou adversários poderosos,

como o então presidente da Câmara, Eduardo Cunha (MDB-RJ), cuja saída do comando da Casa defendeu em plenário.

A escolha de Gabrilli agrega força à candidatura de Simone Tebet em São Paulo, o maior colégio eleitoral do Brasil, o que dificulta a sua cristianização pelo PSDB paulista e pelo prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes (MDB). Gabrilli já foi testada em disputa majoritária, em 2018, nadando contra a maré. O governador Rodrigo Garcia, do PSDB, e o prefeito da capital eram vices. A consolidação da candidatura de Simone, porém, enfrenta o desafio de uma eleição muito polarizada, na qual a narrativa do “voto útil” ganha muita força. O fato novo da escolha é a possibilidade de a chapa sair do ponto de inércia em que se encontra nas pesquisas e ganhar fôlego com as mulheres e o eleitorado paulista. A conferir.

Casa de louças

Em ofício classificado como “urgente”, o ministro da Defesa, Paulo Sérgio Nogueira